

# Günter Grass - escritor e cidadão engajado

*Pontos de vista, opiniões e idéias compilados e traduzidos por Elke Diercks<sup>1</sup> e Gina Brusamarello<sup>2</sup>*

“Este homem é um estorvo, um tubarão em um charco de sardinhas, uma pessoa independente e selvagem em nossa literatura domesticada e seu livro “O Tambor” é um osso duro de roer, assim como “Berlin Alexanderplatz”, de Döblin, como “Baal”, de Brecht, o qual críticos e filólogos, ao menos durante uma década, terão dificuldades em engolir, até que ele se torne maduro para a canonização ou para ser exposto em um ataúde, na vitrine da história da literatura”<sup>3</sup>

## 1. Opiniões de alguns escritores na ocasião da premiação de Günter Grass com o Nobel<sup>4</sup>

### Dario Fo – escritor italiano, Prêmio Nobel de Literatura, 1997

...“Primeiro eu, depois o português José Saramago e agora o alemão Günter Grass. Os intelectuais de esquerda estão bem conceituados em Estocolmo. Parece que a esquerda assumiu o poder lá. Ele é um notável escritor, que tem lutado em muitas causas civis e culturais, conseqüente com a justiça, a liberdade e a democracia”.

### José Saramago – escritor português, Prêmio Nobel de Literatura, 1998

...“Ele interfere como escritor. Por exemplo, ao contestar o modo como foi feita a Reunificação. Isto causou-lhe duras críticas. Aqui ele demonstrou uma conduta moral que eu me admiro profundamente. Sua literatura é como um prolongamento de sua personalidade. Quando eu o encontrei no ano passado, eu pensei, somente alguém como ele poderia ter escrito esses livros. Ele é um homem complexo”.

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

<sup>2</sup> Acadêmica do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

<sup>3</sup> Hans Magnus Enzensberger (escritor alemão), citação feita no ano de 1959

<sup>4</sup> Cf. artigo “Später Adel für das Wappentier” da revista “Der Spiegel”, Nr.40, 1999, pp.295,296,298,300,302,305 e 308.

### Andrzej Szczypiorski – escritor polonês

...“Se alguém na Alemanha merecia ganhar o Prêmio Nobel, esse alguém é Grass. Sua atividade política é uma escolha consciente. Eu não creio que esse envolvimento político influencie a sua criação literária”.

### Elfriede Jelinek – escritora austríaca

...“Para a minha geração, o Grass político não é tão importante quanto o Grass estético: a estética de “O Tambor” foi para nós, autores de cunho experimental, de tal maneira, que não se pôde ignorá-la. Contudo, eu sempre aprovei o engajamento político de Grass. Naturalmente, pode ser que se perde em inovação estética aquilo que se ganha em concretude política”.

### Wole Soyinka – escritor nigeriano, Prêmio Nobel de Literatura, 1986

...“Esta fase de final de século está caracterizada pelo renascimento universal de um cruel e sangrento ultra nacionalismo. Günter Grass nos transmite o legado de uma visão alternativa de mundo, que poderia nos ajudar, a fim de superar o poder de sedução de grupos demasiado minoritários – a favor de uma comunidade de todos os seres humanos”

### Czeslaw Milosz – escritor americano-polonês, Prêmio Nobel de Literatura, 1980

...“Este é o triunfo da literatura engajada. Pode-se escrevê-la. A literatura engajada não terminou com a literatura que defendia o realismo socialista. A obra literária de Grass é um grito de protesto contra o que aconteceu no século vinte, contra a guerra. É uma tentativa de salvar a história do esquecimento. Sua missão literária consiste em dizer a verdade ao seu próprio país”.

### Kenzaburo Oe – escritor japonês, Prêmio Nobel de Literatura, 1994

...“Através de seu engajamento político, ele atuava sempre de um modo independente. Eu creio que foi uma decisão formidável festejar dessa forma os cem anos de Prêmio Nobel”.

### Christoph Hein – escritor alemão

...“Ele sempre foi um autor e uma pessoa política. Para muitos, um aborrecimento. Ele é ousado, não se atemoriza, mas os prejudicados, os fracos, os estrangeiros, os marginalizados, devem ser gratos a Günter Grass. O mérito de Grass não está somente ligado à literatura, mas também a sua luta pela democracia e pela paz. Grass é um digno descendente de um Lessing<sup>5</sup> ou de um Voltaire”.

<sup>5</sup>Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), escritor, poeta e crítico alemão (N. da T.).  
Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

## 2. Günter Grass: falando como escritor<sup>6</sup>

Mesmo depois de receber o Prêmio, Günter Grass continua sendo um incômodo escritor político. Em entrevista concedida ao jornal “Morgen”, ele falou sobre a premiação e seu trabalho literário:

Questionado sobre a sua relação, hoje, com o livro “O Tambor”, Grass responde:

“Tudo começou com “O Tambor”. Mas também “O Linguado” desempenhou um grande papel, e até “Meu Século”. O motivo da escolha recaiu também sobre o que eu faço socialmente. *Eu não sou apenas um artista, eu sou também um cidadão neste país, isto é, um cidadão engajado*”.

Günter Grass é conhecido como um escritor político. Sobre esta afirmação, Grass responde: “Eu me vejo como o seguidor de uma ampla tradição, na qual se incluem Orwell ou Camus. Ao lado da lenda que eu tenho para contar, eu percebo também a sociedade. Ela encontra-se, querendo ou não, nas relações de poder, nas camadas sociais que são condicionadas política e economicamente. Isso pertence às realidades com as quais eu sou confrontado, como autor. E eu sei, naturalmente, que a literatura também faz frente à história, e o que o historiador não pode fazer, é contar a história usando a perspectiva de pessoas comuns. Nós saberíamos pouco sobre a Guerra dos Trinta Anos, se nós dependêssemos do saber da história; mas felizmente nos deram também um Grimmshausen...<sup>7</sup>”

Sobre o papel dos intelectuais no restabelecimento da necessária confiança na política, Grass responde: “Como autores nós temos somente a tarefa de colocar o dedo na ferida. O escritor não é o salvador, nem tampouco, o curador. Pensam vocês na participação da literatura alemã do pós-guerra em manter viva a memória. Ela não permitiu que o nosso presente, simplesmente, se transformasse em passado. A literatura demonstrou que é enganador, embora compreensível, reprimir o passado. Isso já é uma grande coisa. Isso nos foi transmitido por autores como Wolfgang Koeppen, Arno Schmidt ou Heinrich Böll<sup>8</sup>”.

Sobre a jovem geração de autores, Grass comenta: “O romance americano transforma-se em modelo de escrever; não o dos grandes escritores, de Faulkner até Hemingway, senão o dos escritores de segunda categoria: “Stories” sem compromisso. Isto sugere que não tratam de política, e muitos, pelo menos no lado ocidental da Alemanha, seguem isso. No lado oriental da Alemanha é diferente,

<sup>6</sup> Cf. artigo “Aufgabe der Literatur ist es, Geschichte von unten erzählen und politisch zu sein”, fragmentos extraídos da entrevista concedida ao Jornal “Morgen”, 19/Fev/2000, Caderno “Welt und Wissen”, p.3.

<sup>7</sup>Hans Jakob Christoffel von Grimmshausen (~1621-1676), escritor alemão, autor da obra “Der abenteuerliches Simplicissimus”, 1669 (N. da T.).

<sup>8</sup>Wolfgang Koeppen (1906-1996), Arno Schmidt (1914-1979) e Heinrich Böll (1917-1987, Prêmio Nobel de Literatura em 1972); escritores alemães (N. da T.).

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

eles se chamam Ingo Schulze<sup>9</sup>, também deveríamos pensar em Thomas Brussig<sup>10</sup>. Isto se deve à transformação política e econômica sofrida. A tendência de escrever menos sobre o próprio umbigo é maior no Leste do que no Oeste”.

Continuará a literatura “esclarecidamente” engajada? “A diferença é que a geração jovem não é culpada daquilo que ficou insuficientemente marcado com a palavra Auschwitz<sup>11</sup>. Mas isto evidencia que, ser inocente ou não tornar-se cúmplice, não significa, contudo, que não se tivesse responsabilidade – aquela coisa que foi Auschwitz não pode se repetir, nem por um tênue incício.

Estas mesmas idéias expressas acima por Günter Grass aparecem também na obra “Vom Abenteuer der Aufklärung”, de Günter Grass e Harro Zimmermann, 1999, pp.234 e 169: “...Eu prossigo com o meu velho modo de escrever, nunca julgando a partir do banco dos vencedores, senão, como me ensinou Grimmshausen, compreendendo a história lá embaixo (*von unten*), quer dizer, no âmbito das pessoas atingidas, das pessoas com as quais acontece a história. Essa é a perspectiva de contar o romance “Um campo vasto”. Naturalmente precisava-se ter o conhecimento de que o processo da Reunificação de 1989/90 somente poderia ter sido escrito como romance, colocando sobre ela, como uma lâmina, a primeira e abortada tentativa da Reunificação Alemã de 1870/71 – de consequências desastrosas – ou deixá-la transparecer por baixo”.

O que é a história, segundo Grass: “Nós chamamos de história algo que supomos, permaneça encaixotado. Para nós é algo que pertence ao passado. E somente posso repetir de novo: observamos com horror, como a história morta volta a ser virulenta, como ela permeia nosso presente. Para mim ela faz parte da realidade: ela não está encaixotada, ela está viva e deve ser animada, especialmente pela força de contar, pela riqueza imaginária épica, pela audácia de resgatar o inanimado dos mausoléus, de saquear os cadáveres. Isso é a imensurável possibilidade da literatura e, especialmente, do contar, se o contar não significar somente entreter”.

### 3. Günter Grass: a educação e a escola

#### A Escola Única<sup>12</sup>

...Sim, eu sou a favor da Gesamtschule (Escola Única). Desde os anos sessenta eu me pronuncio a seu favor. Dela se esperava a abertura do rígido saber especializado, ao mesmo tempo que a supressão das notas. Desde então, seguindo a teoria, algumas coisas fracassaram, por outro lado, deram bons resultados por caminhos tortuosos. Entretanto, eu reconheci que hoje, em meio à nova “era glacial social”, somente a Escola Única seria capaz, não de

<sup>9</sup>Ingo Schulze (1962), escritor alemão da ex-RDA (N. da T.).

<sup>10</sup>Thomas Brussig (1965), escritor alemão da ex-RDA (N. da T.).

<sup>11</sup>Campo de concentração nazista na Polónia, durante a Segunda Guerra Mundial (N. da T.).

<sup>12</sup>GRASS, Günter. Für – und Widerworte. 2ª edição, Göttingen, Steidl Verlag, 1999, pp. 8, 10.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

impedir, mas sim de atenuar as piores consequências das diferenças entre classes sociais que estão surgindo

...Meu axioma de defesa para o modelo da Escola Única é o fortalecimento do incentivo justo e social da igualdade de chances no sistema de educação. Nos tempos de hoje, esta função e possibilidade da Escola Única é estendida, porque sua estrutura é baseada na solidariedade que abre, a um sem-número de alunos de origem estrangeira, os múltiplos caminhos da educação: ninguém, que aprendendo, “não está acompanhando”, cai em um poço sem fundo, ninguém se torna um excluído.

#### Uma disciplina escolar: o ócio<sup>13</sup>

...Sei que os expertos educacionais, que somente pensam nos rendimentos escolares, irão torcer o nariz. Eu gostaria de criar uma disciplina escolar chamada de “ócio”. Como se aprende o ócio? Como se ensina um jovem a lidar em silêncio com um livro? Contra o usual - o que conheço de meus filhos e, agora, de meus netos - eles entram em uma sala, apertam alguns botões produzindo barulho - tentei dar conselhos e usar palavras. É difícil para eles, ficar sozinhos, liberar-se da inundação da mídia e sua infinita oferta. Mas o fato de se recolher, de estar sozinho com um livro, estar consigo mesmo, deve ser novamente aprendido, porque é a condição para a continuidade, já que todos sofremos de distração...Se hoje dispomos de tanto tempo livre, o qual nenhuma geração antes de nós usufruiu, precisamos fazer a pergunta: O que estamos fazendo com este tempo? Isso é o que falta no Currículo Pedagógico.

#### A Leitura<sup>13</sup>

...A necessidade de ler é algo muito comum e elementar. Se eu tivesse que procurar diferenças entre o homem e o animal, penso em primeiro lugar na atitude de ler, de estar imerso em um livro. A imagem de “O Noviço”, do escultor Barlach<sup>14</sup>, simboliza maravilhosamente essa atitude e se deveria usá-la para fazer propaganda e ressuscitar a cultura enterrada de ler. O humano que é incapturável, está relacionado desde já com o ato de perder-se em um livro: descobrir algo em um livro, descobrir a si mesmo, perder-se em um mato, comunicar-se com pessoas fictícias, viver a vida delas, sentir-se dentro de outras roupas, vivenciar aventuras, sem deixar o lugar. Em tudo isso existe tanto atrativo. Além de tudo existe o ensinamento, mas não quero colocá-lo em primeiro lugar, porque destrói muito, se é feita sempre a pergunta do Famulus do “Fausto”: O que posso levar para mim, que lucro resulta de tudo isso? Essa pergunta, mais fecha o acesso ao livro, ao invés de abri-lo...O leitor deve ser estimulado pela fantasia que ele encontra no livro para liberar a sua própria fantasia. Quando, na vida real, ele quiser viver a sua

<sup>13</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro. Vom Abenteuer der Aufklärung. Göttingen, Steidl Verlag, 1999, pp.143,144 e 172.

<sup>14</sup> Ernst Barlach (1870-1938), escultor, gravador e poeta alemão (N. da T.).

fantasia, ele deve temer em se tornar um palhaço. Mas no livro é permitido. É um imenso espaço aberto.

#### A tarefa da escola<sup>15</sup>

...Assim a escola, se não quiser deixar os alunos sozinhos em sua impotência, deve ensinar a política da resistência. Essa é tão ensinável quanto o manejo do instrumento da dúvida: questionar afirmações. Liberar os discursos solenes do seu palavreado, desnudar o imperador<sup>16</sup>. Duvidar sempre. – E onde está o lado positivo? Aqui está ele: a democracia, levada ao pé da letra. Se ela renuncia a seus legítimos direitos de poder, se ela se curva ao poder do dinheiro global circulante, às exigências irracionais das fusões das grandes empresas, ao poder de mercado – e ela está fazendo isso – então a democracia chega ao fim, o povo fica sob tutela e o indivíduo não será capaz de duvidar do que ele vê, nem tampouco de si mesmo. O que existiria ainda para ensinar? Novamente a escola estaria terminada.

#### O professor<sup>15</sup>

...Pois minha contribuição à Escola Única, se assim se pode dizer, pressupõe o professor aprendiz. Eu sei, ele existe. Frequentemente a necessidade o obriga a não permanecer com os velhos conhecimentos, senão a aprender permanentemente, por exemplo, em vista de seus alunos de diferentes nacionalidades, algumas lições de história turca ou o que o Alcorão, em comparação com outras religiões, tem a oferecer em intolerância e tolerância. O professor aprendiz é alguém que aprende com os seus alunos. A curiosidade é própria dele. É com prazer que ele abandona princípios, a fim de trocar por outros, que ele novamente abandona, antes que eles se solidifiquem. Sempre aprendendo até avançada idade aquilo que surge de novo, de forma ameaçadora ou atrativa, mas também o que está por detrás disso ou, com o correr do tempo, se perdeu...

#### A escola e a informática<sup>15</sup>

...Nós devemos nos decidir, com o que inicia toda a Pedagogia. Nós queremos uma Homepage-Pública, na qual qualquer um dirige-se a qualquer um e onde todos se acostumam a não medir as conseqüências, a não se tornar responsável por aquilo que colocam no mundo virtual? Nós queremos a contínua aceleração, a contínua virtualização, o preço do imediatismo, *multa* em vez de *multum*? Nós queremos uma rede digital com sempre mais desconhecidos, no lugar de ligações e comprometimento uns com os outros, com os quais nós nos importamos e eles conosco? Nós queremos... o declínio da atenção em grandes barulhos e o contínuo deslumbramento? Nós queremos o apagamento do “brilho”, o recalçamento da vivência da realidade através da “virtualidade”, do valioso e

<sup>15</sup> GRASS, Günter. op cit., pp.16,24,25 e 28.

<sup>16</sup> Aqui o autor faz uso de uma expressão idiomática: “Den Kaiser nackt nennen” (N. da T.).  
Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n° 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

permanente através do disponível e fácil...Não são os novos meios de comunicação acusados com essas retóricas e irônicas perguntas, mas sim a nossa falta de vontade, a nossa arrogância de aprendiz de feiticeiro, o nosso oportunismo e nossa incapacidade de educar, nele baseada.

#### 4. Günter Grass: a política e a sociedade alemã

...Quem coloca as mãos atrás das orelhas, escuta como as ideologias triunfantes do capitalismo sussurram no vazio sua absoluta e, doravante, estabelecida implementação da globalização. Eles têm fome de um eco. Falta o inimigo, uma barulhenta oposição. Como se poderia dividir o mundo entre o bem e o mal, se o mal, porque foi vencido, não mais toma parte do jogo, desapareceu ou, ao menos por enquanto, não está mais no mundo. Certamente existe o islamismo, o crime organizado, seitas absurdas; mas quer-se fazer negócios com os muçulmanos, é útil manter-se ligado à máfia para a lavagem de dinheiro e, quanto àquela seita especialmente perigosa, estamos sintonizados frequentemente e suficientemente com ela. O que faz então um vencedor, quando o seu velho e conhecido inimigo que, durante quase um século, foi suficientemente forte e perigoso para empreender contra ele guerras quentes e frias, agora brilha somente através da ausência, como que varrido do cenário, não mais capaz de empreender qualquer ameaça<sup>17</sup>.

...E já desperta o escritor em mim. O ainda vitorioso capitalismo de ontem apresenta-se a mim como uma pessoa abandonada pelo destino, como um indivíduo: um senhor de meia idade, corretamente vestido, embora a roupa não lhe caia bem. Assim ele está de pé, não, ele está colado em um banquinho, solitário, o isolado capitalista. Na verdade ele é ainda sempre temido e também odiado, mas ninguém o quer contradizer. Não importa o que ele diga, por mais absurdo que seja, é sacrossanto, como por exemplo, sua fórmula padrão: “o mercado regula tudo”. Contra a sua vontade, assim como o Papa, ele adquiriu a reputação de ser infalível. Um pobre sujeito, digo a mim mesmo, sem pena, e começo a tirar disso algo literário. Para a figura de um romance ele não serve. Falta-lhe totalmente o contraditório ambiente; ele é inequívoco demais. Porém, eu poderia imaginá-lo no palco, em um monólogo, sem ação, ao estilo de Beckett. Esta peça de pouca duração poderia chamar-se: “o isolado capitalista”...*Às vezes sentado em um banquinho, às vezes caminhando de um lado para o outro. Um telefone celular o conecta com o mundo. Ele compra globalmente, ele vende, ele assume a maioria, ele faz fusões. Suas ações sobem. E tanto mais nós o ouvimos lamentar-se. Por fim, ele não fala nada de novo. O velho disco: os encargos sociais sobre o salário são altos demais, a obstrução a qualquer modernização se dá por causa da proteção contra a demissão, a burocracia estatal é hostil aos investimentos, lastimável violação das leis da natureza “oferta e procura”. Por fim, ele lamenta o*

<sup>17</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.45,48 e 49.

*Standort*<sup>18</sup>. E aí, meu monólogo de Beckett é encenado em um palco alemão e segue lamentando o Standort-Alemanha. De repente, meu capitalista isolado torna-se lírico na mesma peça. Ele se vê incompreendido, porque ele enxerga mais adiante. Ele se compraz em um papel trágico. Ele festeja a solidão, contudo; ele sente saudades de um opositor<sup>17</sup>.

...A defesa de um socialismo democrático não significa para mim uma tese ideológica, senão que, trata-se de manter aberto um terceiro caminho, que eu sempre vi e continuo vendo. Vimos como o rígido mundo comunista implodiu, incapaz de renovar-se, presenciamos agora como o capitalismo, sem um adversário, está destruindo-se a si mesmo. Na hora da vitória sobre o comunismo não lhe ocorreu nada melhor do que retomar os gastos e desumanos métodos do séc.XIX, de maneira que nos encontramos hoje diante de uma tarefa absurda, ou seja, de impedir, com a ajuda do socialismo democrático, a autodestruição do capitalismo. Pois, com a autodestruição do capitalismo – vejam o caso da Ásia - milhões de pessoas são levadas à miséria, sem o pestanejar de nenhum desses senhores. O responsável é o mercado, que no fundo já não existe mais...Nós temos hoje uma sociedade na qual uma parte da população pode se permitir financeiramente tudo, vivendo no nível técnico do séc.XXI. E temos uma parte da população, não muito pequena, que vive segundo os padrões do séc.XIX. Existe uma imensa riqueza que será herdada, o que levará a uma modificação da sociedade, já que as pessoas que herdarão essa riqueza não precisarão mais trabalhar. E temos uma classe social cada vez maior que, sem trabalho e sem um teto seguro, encontra-se em um estado de miséria, ou está sendo empurrada nessa direção. Essa insegurança atinge também a classe média. Contra essa situação não está sendo feito nada, embora se poderia fazer muito para equilibrar as injustiças. Se poderia, por exemplo, aumentar os impostos sobre as heranças, para - de um lado limitar a classe dos futuros herdeiros e zangões - e por outro lado aplicar esse dinheiro para tarefas tanto no âmbito cultural quanto no social. Tais medidas não são implementadas, o que nos leva a mais estagnação...Esta realidade me diz que uma sociedade somente pode funcionar se as pessoas agem de forma solidária. Também é uma palavra antiquada, tirada do fundo do baú. Vejo hoje uma sociedade... que propaga o neoliberalismo. Feito roupas velhas do séc.XIX, o liberalismo de Manchester é habilidosamente retocado e modernizado, indicando a autoliberação, a auto-representação e auto-realização, o “novo individualismo”, todas elas teses reaquecidas dos anos 68. O resultado é um grupo de pessoas de maiores rendimentos, e um sem-número crescente de pessoas que são marginalizadas. Antiquado como sou, me permito apontar isso, e essa é minha opinião<sup>19</sup>.

...Era um grupo de frustrados,... que me ajudou a enumerar alguns pontos referentes ao meu conceito da democracia social, mais ou menos frouxo, relapso, sempre suficiente para fundamentar minhas atividades políticas, a fim de esclarecer

<sup>18</sup> A melhor localização para a instalação de uma empresa (N. da T.).

<sup>19</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro, op. cit., pp. 91,146,184 e 225.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

o que realmente significa a democracia social. Em nenhum caso é uma ideologia, por favor, nenhuma fixação, nenhum dogma, mas...o esforço incansável de harmonizar direitos sociais e direitos liberais que, desde o começo, estavam ameaçados em ser separados. Ao alcançar um máximo de direitos liberais é muito possível uma escravidão da massa trabalhadora. Por isso a democracia social falou para os comunistas: para que servem os direitos sociais que vocês conseguem através da ditadura, se o homem não consegue respirar e lhe são negados os direitos humanos, e vice-versa, para que servem os direitos humanos, se somente uma classe alta pode usufruir de uma censura inexistente, mas nas classes baixas isso não funciona? O colono polonês não se preocupa nem um pouco com o fato de que, em seu país, não existe mais a censura, o que o preocupa é que ele não tem dinheiro para semear. Ele pertence novamente, como nos séculos passados, à classe não privilegiada e é esquecido e deixado para trás pela história e pelo progresso.<sup>19</sup>

Volker Neuhaus<sup>20</sup>, falando sobre Günter Grass, diz: “Em ambos (o capitalismo monopolista e o comunismo de estado) ele vê, igualmente, ideologias que devem ser combatidas e julga que “a política dos dois poderes mundiais é infantil, com suas respectivas promessas de salvação e infantil em seu uso do poder. A ocupação do Afeganistão, a conquista da ilha de Granada,...mas também o plano de atuação malabarista do Pentágono, com “megamortos” e, próprio do Cremlin, seu temor da espionagem, são testemunhas dessa infantilidade que domina o mundo”. O conceito de Grass, entre o desprezo pelo ser humano do capitalismo monopolista e a hostilidade ao ser humano do comunismo de estado, é de “um terceiro caminho”, que ele definiu mais uma vez, em maio de 1983, ou seja, o “socialismo democrático, dirigido igualmente contra ambas as ideologias. Seus ingredientes são uma democracia mais próxima da base quanto possível, que permite uma ampla participação de todos os cidadãos na administração da coletividade, um controle democrático amplo sobre a economia assim como a virtude “revisionista” da solidariedade: “Coloquemo-nos ativamente ao lado dos necessitados e incapacitados, dos perseguidos e oprimidos, também ao lado dos jovens, que estão sem futuro, e ao lado dos idosos, cuja vida foi esforço e trabalho, sejamos democráticos e socialistas, agindo solidariamente”.

## 5. Günter Grass: a RDA – República Democrática da Alemanha e a Reunificação<sup>21</sup>

Olhando a RDA, não posso dizer que me sinto desapontado. Desde o começo ficou muito claro para mim, que essa outra ideologia que dominou nosso século, é tão fechada em si que não permite um desenvolvimento, quer dizer, não

<sup>20</sup> NEUHAUS, Volker. Schreiben gegen die verstreichende Zeit-Zu Leben und Werk von Günter Grass. 2ª edição. München, dtv, 1998, p.185.

<sup>21</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.80,248,225,208,209,70,71,43 e 94.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

pode ser reformada. Com isso eu me encontrava em uma posição contrária a muitos de meus estimados colegas, com os quais tive muitas discussões. Apesar disso não fui seduzido a alimentar uma terceira ideologia, a do anticomunismo..... Não existia o perigo, naquele tempo, de eu ser novamente seduzido - como aconteceu na minha juventude - por uma ideologia que se apresentava como a única e verdadeira. Por isso o olhar crítico para os dois sistemas, com todas as diferenças e matizes...

Depois que o sistema ruiu, se tentou pintar a RDA como algo extremamente perigoso, demoníaco, transformá-la em um estado sem direitos, e assim por diante, como são todos os veredictos. Por isso as pessoas se irritaram, por exemplo, com um parágrafo em “Um campo vasto”, onde Fonty<sup>22</sup>, referia-se à RDA como uma ditadura cômoda. Aqui refiro-me a uma citação de Fontane<sup>23</sup>... Naturalmente, a ditadura da RDA foi isso em relação a outras ditaduras desse século. Igualmente dentro do bloco socialista, em comparação com a da Romênia ou a da Rússia, a ditadura da RDA foi uma “kommode” Ditadura. Ditaduras do mundo ocidental - pensem na ditadura militar da Grécia, que era membro da OTAN e tolerada pelo Ocidente ou no sistema do Chile, onde um dos amigos íntimos de Pinochet se chamava Strauss<sup>24</sup> - eram piores que a da RDA, com seu regime de terror. Isso em nenhum caso diminui o fato de que a RDA foi um ditadura, com seu horroroso sistema de tutela, que incluía a polícia secreta, a *Stasi*<sup>25</sup>. Mas este tipo de diferenciação perturba obviamente nosso país, porque não se encaixa no conceito. Do meu ponto de vista não deve, naturalmente, se encaixar. Por isso a reação e super-reação a este parágrafo isolado e minhas explicações talvez um pouco longas...

Desde muito cedo se reconheceu que o favoritismo de uma reunificação alemã se frustrou em uma unificação muito rápida - com medidas que somente podiam ter como conseqüências injustiças e uma nova divisão. A disposição do Oeste em aceitar as biografias dos dezesseis milhões que viviam no Leste não era muito grande. Quem dera, no início, tivesse sido assegurada uma integração, como estava no papel, mas, quando se começou a agir, ela não foi realizada, senão uma anexação. Chegaram os senhores coloniais. Juízes ou professores universitários, quase sempre pessoas de segunda ou terceira categoria que não conseguiam achar seu lugar na Alemanha Ocidental. Eles obtiveram cargos no Leste, entretanto os intelectuais da RDA, que foram membros do partido, foram avaliados e demitidos. Uma secretaria colonial se auto nomeou e, demonstrando pouco respeito pelas pessoas, pensava que deveria realizar trabalho de administração. Se agíssemos como na Alemanha Ocidental, tudo sairia bem - assim era o lema. Mas não saiu dessa forma. Neste clima, eu inicialmente protestei com discursos, ensaios e

<sup>22</sup> Personagem principal do romance “Um campo vasto” (N. da T.).

<sup>23</sup> Theodor Fontane (1819-1898), escritor alemão (N. da T.).

<sup>24</sup> Franz Josef Strauss (1915-1988), político conservador alemão, do partido CSU (União Socialista Cristã) da Baviera (N. da T.).

<sup>25</sup> Segurança Nacional e Serviço Secreto da ex-RDA (N. da T.).  
Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

palavras, como é meu costume e como eu sei fazer. Mas no final eu me sentia como um papagaio, ninguém me ouvia. Então aconteceu o mais razoável. Eu fiz o que me restava fazer, escrevi primeiro o romance “Maus Pressagios” e depois “Um campo vasto”...

O processo de reunificação e realizado sem unificação, como uma separação repetida, desta vez, uma divisão que desclassifica socialmente e além disso, nem o governo nem a oposição são capazes de terminar com a liquidação vergonhosa da massa falida da RDA e implementar um *Lastenausgleich*.<sup>26</sup>.. Esta medida seria justificável desde o princípio, e também mais adiante, pois, em sua condição de explorados, enclausurados, vigiados e continuamente tutelados, os cidadãos da República Democrática tiveram que pagar, durante quarenta anos, no lugar da República Federal. Eles não tiveram a sorte de poder optar pela liberdade do Oeste. Injustamente, nós não pagamos por eles, ao contrário, eles pagaram por nós o ônus da guerra que foi perdida por todos os alemães. Compreender isso deveria ter sido prioritário imediatamente após a queda do muro. Essa - e não novamente a tutela - deveria ter sido nossa atitude.

Assim se tratou e se trata as pessoas que tiveram de suportar as mais pesadas conseqüências da guerra, empreendida criminosamente e perdida por todos os alemães. Não foi concedido um *Lastenausgleich*, ao contrário, apoderou-se da RDA como se ela fosse uma terra inimiga conquistada. Compatriotas que sofreram muito durante quarenta anos de contínua ditadura, e que acreditaram, quando caiu o muro, que eles podiam preservar a sua danificada existência de outras deturpações, viram-se expostos, sob suspeita de ser colaboradores da *Stasi*<sup>27</sup>. E aquela oferta ocidental de liberdade, que era tão prometedora, reduziu-se rapidamente em palavras como “liberdade para viajar” ou “liberdade de mercado”. Que estupidez nos incitou a calcular, como um dono de botequim, o incremento de dezesseis milhões de alemães, e selar, ao injusto domínio do socialismo real, o domínio do injusto capitalismo? O que falta a nós, alemães, para agir humanamente - se já não é possível com relação aos estrangeiros - ao menos em relação a nós mesmos? O que falta a nós, alemães?

As únicas palavras positivas pronunciadas por Grass sobre a RDA são: “Sem violência se entregou a República Democrática Alemã. De todas as injustiças que se pode imputar a RDA, encontram-se poucos motivos para poder falar de alguma coisa boa que lá existia, entretanto, deve ser ressaltado sem sombra de dúvida, a última atitude do exército e da polícia do estado, plena de mérito. Graças ao exército e à polícia, e também ao governo daquela época, não foi disparado um único tiro”.

<sup>26</sup> Imposto que incidiria sobre os alemães ocidentais a fim de pagar os custos da reunificação alemã de 1990 (N. da T.).

<sup>27</sup> Segurança Nacional e Serviço Secreto da ex-RDA (N. da T.).

## 6. Günter Grass: a RFA – República Federal da Alemanha

Nós, alemães, somos fatalmente quebrados em múltiplos pedaços. Nós fomos treinados a viver com rupturas e separações. Para nós, sermos fragmentados constituiu-se – desde a Guerra dos Trinta Anos – em normalidade. E, olhando a partir do Reno, o leste do Elba sempre existiu. A fragmentação, a discrepância, a chamada hamletização pertence a nós, porque nós também aspiramos a uma unidade sem cessar, geralmente frustrada, ou obtida a um alto preço. Portanto, ser alemão significa ser fragmentado em todo o ser – em cada estado de consciência. Ser alemão significa, ao mesmo tempo, sofrer de uma falta de unidade, por isso nós estamos ocupados continuamente com ela; para o escárnio de nossos vizinhos, que cultivam outros vícios menos perigosos.<sup>29</sup>

Isso mostra de forma clara, o quanto os alemães são estranhos uns aos outros. Eles percebem-se uns aos outros de má vontade, na profunda estranheza entre os alemães orientais e ocidentais, os mecklenburgueses<sup>28</sup> e saxões lá, os renanos e suábios aqui, se vêem mais distantes do que nunca. Mesmo os alemães do norte e os alemães do sul, propriamente, permanecem estranhos, o que confirma o rio Meno como fronteira, uma linha divisória. Essas demarcações são o resultado de nossos persistentes incentivos ao separatismo exigido pela História, que, em geral, resistia à unidade. Talvez semelhante distanciamento seja o preço da diversidade cultural das diferentes regiões do país, que, através dos acontecimentos estatais e eventos desportivos, desejam ser chamadas de Alemanha.<sup>29</sup>

Ao contrário de outros países europeus, que possuem governos mais centralizados – penso na França, mas também na Espanha e Polónia, onde a capital é como um hidrocéfalo e as províncias são territórios adjacentes rasos – os múltiplos estados alemães produziam, como uma fruta curiosa, uma riqueza cultural, uma grande diversidade, não somente existente socialmente entre os alemães orientais e ocidentais, senão também entre a Bavária e a Baixa Saxónia. Provavelmente os bávaros se diferenciam mais dos saxões do que os saxões dos mecklenburgueses. Em todas as partes observamos as características culturais – que se desenvolveram ao longo da história – que se refletem, entre outros, na língua, nos dialetos, embora não notamos a imensa riqueza. Para nosso prejuízo, buscamos e achamos a nossa riqueza sempre em outros campos, até nas guerras, e sofremos neste século derrotas nefastas, que fizeram sofrer também a nossos vizinhos. A constituição... não legaliza em vão: os estados federais possuem autonomia cultural. Essa definição deve ser conservada, ela beneficia o federalismo... Além disso, a União Européia deve corrigir a importância exagerada do econômico, para que a cultura, no sentido europeu, seja mais fortalecida. Isso não mais pode ser

<sup>28</sup> Habitantes do estado federativo do norte da Alemanha, “Mecklenburg-Vorpommern” (N. da T.).

<sup>29</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.78 e 91.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 35-47, out-dez, 2000.

somente a tarefa dos estados federais<sup>30</sup>, pois trata-se de uma nação cultural, desenvolvida a partir da estrutura federal, crescendo com a riqueza desta diversidade, que deveria nos facilitar ser mais tolerantes com as diferenças entre os alemães dos novos estados federais e os alemães ocidentais. Isso não quer dizer que nós aceitemos as injustiças provocadas pela Alemanha Ocidental, elas devem ser eliminadas. Mas a Alemanha Oriental será diferente e tem o direito de sê-lo: durante quarenta anos ela teve outra biografia. Um dos maiores erros no processo de reunificação foi exigir, de uma maneira igualitária, que os dezesseis milhões se despedissem de seu passado e se adaptassem já ao modo de vida dos alemães ocidentais. Esse erro fatal contribuiu para uma nova divisão. Assim eu entendo o conceito de “Kulturnation”, criado por Herder<sup>31</sup>, levando-o adiante neste final de século, para o futuro, para uma abertura européia que, no fundo, já foi por ele desenhada<sup>32</sup>.

Ainda hoje coloca-se a questão: o que é feito do meu, do nosso país? Como se explica a decadência da República Federal, cujo compromisso social foi tomado, uma vez, como modelo? Sem chavões comunistas, voluntariamente livres para dizer, renovou-se nela aquela antiga sociedade de classes que, com a ajuda da social democracia, se acreditou ter vencido. Foi permitido a uma horda de ignorantes e destruidores danificar os pilares de nossos contratos sociais, quais sejam, os sistemas de seguridade. A contribuição do trabalhador não está protegida da manipulação estatal. E atualmente tenta-se, com outro saque, chamado de “grande reforma fiscal”, fazer com que os ricos, em tempos gelados, não necessitem passar frio. Assim arruína-se um estado, onde o compromisso entre trabalho e capital era aproximadamente justo, no qual havia uma paz social em prol de uma considerável prosperidade e união. Não, nenhuma revolução estaria na ordem do dia. Não com a bíblia de Mao, na mão levantada, mas somente com a constituição, embora, devo confessar, uma arma defeituosa, se deveria apagar o conceito *Standort*, que está nivelando tudo, e colocar a República Federal no seu estado de direito, a fim de que ela, novamente, se compreenda como um estado social, e que a propriedade se comprometa com o benefício de todos os cidadãos. Certamente nenhuma utopia, mas um belo desejo que é permitido ser sonhado. Embora a realidade não reflita esse sonho.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Com a Reunificação de 1990 foram criados cinco novos estados federais no território da ex-RDA (N. da T.)

<sup>31</sup> Johann Gottfried Herder (1744-1803), filósofo e poeta alemão (N. da T.).

<sup>32</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro, op. cit., p.140.

<sup>33</sup> GRASS, Günter, op. cit., pp.60 e 58.